

**Setor de Orientação Educacional**

**Texto 03**

**Segmento II / 2013**

**SIM, ELES CRESCEM**

*Os pais reclamam das demandas incessantes dos filhos,  
mas sofrem quando essa situação começa a mudar.*

A MÃE de um garoto de nove anos vive uma crise que ela não percebe como tal e pode ser interessante pensar a esse respeito, principalmente para quem tem filhos com idade acima de seis anos.

Essa mãe diz que o filho sempre solicitou a presença dela para tudo, mas que agora está bem mudado.

Até dias atrás, o menino ligava pra ela perguntado o que deveria comer, se poderia ver tal filme e deixar a lição de casa para fazer à noite em companhia dela. Também pedia que a mãe escolhesse a roupa dele etc.

Em casa, no fim de semana, o garoto vivia atrás da mãe para decidir do que brincar, o que fazer e quem convidar para jogar bola.

Muitas mães vivem situações semelhantes e reclamam, porque gostariam de poder ler o jornal sem interrupções, de ir ao banheiro em paz e de passar uns dez minutos em casa ocupadas com as tarefas domésticas sem precisar se responsabilizar por cada uma das atividades dos filhos.

Pois a mãe do garoto citado acha que ele está entrando na adolescência precocemente porque a tem procurado menos. Ela, que confessou ter desejado ardentemente alguns momentos de sossego, agora sente falta das demandas incessantes do filho.

A mãe de uma adolescente se debate com situação parecida: diz que ela e a filha sempre foram muito próximas, mas já não sente mais essa proximidade.

Antes, trocavam confidências, a filha lhe confiava segredos típicos de adolescentes e sempre pedia a opinião da mãe a respeito das amigas. Mas, de repente, tudo mudou.

Quando ela se aproxima da filha durante uma conversa da garota ao telefone com amigas, percebe que ela muda de assunto rapidamente.

Segredos, então, que anteriormente eram confidenciados por ambas, agora nem pensar: parece que, repentinamente, as duas ficaram sem assunto.

Será que esse menino de nove anos e essa adolescente estão em crise? É provável que não, porque os filhos não precisam da constante proximidade dos pais.

Quem consegue prestar atenção aos filhos se dá conta de que eles alternam com regularidade fases em que buscam a proximidade dos pais (da mãe, em especial) e o distanciamento deles.

Os filhos têm o direito de identificar quando precisam dos pais e os querem muito próximos e quando já não querem isso.

E quando mães, como as duas citadas, percebem pela primeira vez que seus filhos se afastam, o que está em jogo pode ser a angústia delas e não a mudança de comportamento dos filhos. E que angústia seria essa? A de se separar dos filhos.

Pelo menos em teoria, criamos os filhos para que eles cresçam, não é? Não criamos nossas crianças para que permaneçam crianças para sempre. O crescimento resulta em assumir a própria vida e, portanto, separar-se dos pais.

Talvez uma questão importante para reflexão de muitas mães da atualidade seja a dificuldade de suportar essa separação que, lembremos, ocorre desde o nascimento. Como atualmente os laços afetivos entre adultos estão frágeis e se rompem por qualquer motivo, por mais fútil que seja, a busca de um relacionamento próximo perene com os filhos parece oferecer alguma segurança aos pais.

Mas com um custo demasiadamente alto para os filhos, que ficam, dessa maneira, impedidos de crescer e atingir a maturidade.

Não é aos nove anos ou na adolescência que os filhos se afastam dos pais pela primeira vez. Mas pode ser a primeira vez que as mães reconhecem essa dor. A separação pode ser uma experiência dolorosa, mas suportável.

E deve ser. Mães não são feitas de cristal e filhos precisam crescer.